

Teo  
Lite  
rária



Arquivo recebido em 21  
de setembro de 2015  
e aprovado em 11 de  
setembro de 2015.

V. 5 - N. 10 - 2015

\* Professora no Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS SP). Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro Pesquisadora da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

## As paixões segundo a Filocalia dos Santos Padres Népticos

Passions according to the Philokalia of the Holy Neptic Fathers

*Wilma Steagall De Tommaso\**

### Resumo

O artigo pretende apresentar de forma sucinta a Philocalie des Pères Neptiques: À l'école mystique de la prière intérieure, coleção de sete volumes que contém textos monásticos originais dos Pais do Deserto do Oriente. Com ênfase no pensamento de Evágrio Pôntico (345-399), os textos estão em ordem cronológica e começam por Santo Antão, século IV conhecido como o pai dos monges e vão até Simeão de Tessalônia, século XV. Esse vasto tratado dá a direção àqueles que pretendem seguir o caminho ascético, a começar pela difícil batalha interior: a luta contra as próprias paixões. Para isso, o monge deve aceitar a morte, aprender a oração do coração. É a práxis que liberta o asceta das paixões e o torna livre para amar. Esse é o aspecto do tratado literário que será aqui descrito.

**Palavras-chave:** Filocalia; Pais do deserto; Paixões; Combate interior.

### Abstract

The article intends to present in

summarized form the *Philocalie des Pères Neptiques: À l'école mystique de la prière intérieure*, a compilation of seven volumes containing the original monastic texts of the Fathers of the Eastern Desert. Based on the ideas of Evagrius of Pontus (345-399), the texts are in chronological order, starting in the fourth century with St. Anthony, known as the father of monks, until the fifteenth century with Symeon of Thessalonica. This broad set of writings give guidance to those who aspire to follow the ascetic path, starting with the difficult inner battle: the fight against one's own passions. In order to do this, the monk must accept death and learn to pray from the heart. This practice releases the ascetic of his passions and sets him free to love. This is the aspect of the literary work that will be developed here.

**Keywords:** Philokalia; Fathers of the desert; Passions; Inner battle

## Introdução

“**P***hilocaliedesPèresNeptiques: À l'écolemystique de laprière-reintérieure*” — é um vasto tratado, integralmente transcrito, não apenas substratos, dos Pais do deserto acerca da “escola mística da prece interior”. Essa escola trata de sugerir uma ação (a *praxis*) e a contemplação cuja finalidade é descobrir “o tesouro escondido no coração”, alusão à parábola do Evangelho (Mt 13,47-50) que descreve um homem, tendo achado um tesouro no campo, vende tudo o que tem para possuir esse tesouro.

Em 1782, no final do século XVIII, o monge grego Nicodemos o Hagiorita<sup>1</sup> publicou a “Filocalia” em língua grega. A obra foi publicada em Veneza, pois livros cristãos não podiam ser publicados no Império Otomano. Logo depois, em 1793, PaïsjVelitchkosky, na Moldávia, traduziu a obra para a língua eslava e a publicou na Rússia.

A obra foi traduzida para o francês a partir da 4ª edição grega (Atenas, 1976) por Jacques Touraille, sob a responsabilidade de Boris Bobrinskoy e do Grupo de tradução da Filocalia, em 11 volumes pelas *Éditions de Belle Fontaine* de 1979 a 1991.

A presente edição da *Philocalie* foi publicada também pelas

1. Hagiorita significa “da Santa Montanha”, ou seja, do Monte Athos.

*Éditions monastiques de l'Abbaye Belle Fontaine* em duas partes: *Tome A* com três volumes e o *Tome B* com quatro volumes, somando um total de sete volumes. Há nessa edição a Introdução de Olivier Clément no *Tome A1* e o Posfácio de Jacques Touraille no *Tome B4*, primeiro e último volume respectivamente, cujas considerações foram fundamentais para a elaboração desse texto.

A publicação da Filocalia na Rússia favoreceu a difusão da “oração do coração” ou “oração de Jesus”— como ficou popularmente conhecida a “prece interior” — para além dos mosteiros. Mais particularmente, foi o *staretz*<sup>2</sup> Païssij o responsável pela divulgação da “prece de Jesus” nos meios monásticos eslavo e romeno, ele a considera nesses termos: *Jesu-sowajamolitwa, umom w sercesowerchennaja* que significa: prece a Jesus, consumada pela inteligência no coração (BEHR-SIGEL, 2007 p.79)<sup>3</sup>

A oração hesicasta, que leva ao descanso em que a alma habita com Deus, é a oração do coração. Para nós que damos tanta importância à mente, aprender a rezar com o coração e a partir dele tem importância especial. Os monges do deserto nos mostram o caminho. Embora não exponham nenhuma teoria sobre a oração, suas narrativas e conselhos concretos apresentam as pedras com as quais aos autores espirituais ortodoxos mais tardios construíram uma espiritualidade magnífica. Os autores espirituais do monte Sinai, do monte Athos e os *startzij* da Rússia oitocentista apoiam-se todos na tradição hesicasta do deserto. Encontramos a melhor formulação da oração do coração nas palavras do místico russo Teófano o Recluso; “Rezar é descer com a mente ao coração e ali ficar diante da face do Senhor, onipresente, onividente dentro de nós”. No decorrer dos séculos, essa perspectiva da oração tem sido central no hesicasmos. Rezar é ficar na presença de Deus com a

2. *Staretz* em russo, *géronda* em grego é um espiritual, mais precisamente um ancião. A velhice tão venerada na tradição ortodoxa, não se refere à idade, mas à maturidade espiritual, “um velho cheio da beleza”, um *kalogerós*, é um homem iluminado que encontrou além das adulterações da maturidade, a graça de ser criança. Na tradição do oriente, pequenos grupos de monges se reúnem em torno de um *staretz*. No plural: *startsij*.

3. Transliteração do russo para o francês. Todas as traduções do francês para o português são de responsabilidade da autora.

mente no coração, isto é, naquele ponto de nossa existência em que não há divisões nem distinções e onde somos totalmente um. Ali habita o Espírito de Deus e ali acontece o grande encontro. Ali, coração fala a coração, porque ali ficamos diante da face do Senhor, onividente, dentro de nós. É bom saber que aqui a palavra coração é usada em seu sentido bíblico pleno, em nosso meio, ela se tornou lugar-comum. Refere-se à sede da vida sentimental. Expressões como “coração-partido” e “sentido no coração”, mostram ser comum pensarmos no coração como o lugar quente onde se localizam as emoções, em contraste com o frio intelecto onde têm lugar os nossos pensamentos. Mas na tradição judeu-cristã a palavra coração refere-se à fonte de todas as energias físicas, emocionais, intelectuais, volitivas e morais. (NOUWEN)<sup>4</sup>

A finalidade da oração do coração é a obediência ao ensinamento do Evangelho de orar sem cessar: essa prece consiste na fusão da invocação do nome de Jesus e da oração do publicano: “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!” (Lc,18,13) O que resulta: “*Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim, pecador*”.

Pela repetição incessante do Nome de Jesus o monge se esforça para entrar em uma comunhão cada vez maior com Deus conformando o ritmo da sua respiração e de suas pulsações à oração de Jesus: “Que a lembrança do Senhor não te deixe nem em um respirar”, ensina São João Clímaco (580-650) em sua obra *Escada para o Paraíso*. A Escada é um resumo da vida espiritual, concebida para os solitários e contemplativos. Para João Clímaco, a oração é a mais alta expressão da vida solitária; ela se desenvolve pela eliminação das imagens e dos pensamentos. Daí a necessidade da monologia, isto é, a invocação curta, de uma só palavra, incansavelmente repetida, que paralisa a dispersão do espírito. (BOBRINKOY,2007, pp. 58-59)

Serafim de Sarov (1769-1833), João de Cronstadt (+1908), os *startsi*-*jde* Optino Poustine: Leonidas (1769-1841), Macário (+1860) e Ambrósio

---

4. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/espiritualidade/a\\_oracao\\_do\\_coracao.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/espiritualidade/a_oracao_do_coracao.html)>. Acessado em 15 de janeiro de 2014.

Grénkov (1812-1891); os bispos Ignácio Briantchaninov (1807-1867) e Teófilo o Recluso (1815-1894) popularizaram a prática dessa oração. *Os relatos de um peregrino russo*<sup>5</sup>, e a presença de Igrejas da diáspora contribuíram para torná-la mais conhecida no Ocidente.

[...] durante o século XIX até o início do século XX, no Monastério de Optino (região da Kalouga), a comunidade de Optino se mostrou capaz de dialogar à luz do Evangelho com a cultura do seu tempo. O Monastério de Optino foi um centro espiritual único em seu gênero. Surgiu graças ao carisma e a paternidade espiritual praticada pelos discípulos de PaissijVelitctichkovskij (séc. XVIII). Optino se caracterizou pela sucessão de um número impressionante de startsij(pais espirituais), entre os quais se sobressaem Leônidas, Macário, Ambrósio, os três canonizados pela Igreja Russa. Os últimos pais espirituais de Optino morreram mártires sob o regime soviético do século XX. Todos souberam encorajar a uma espiritualidade e à fé exigentes, mas extremamente humanas, atraindo ao monastério desde simples camponeses até grandes representantes da cultura russa (Gogol, Dostoiévski, Soloviev), todos guiados pela preocupação comum de levar uma vida autenticamente cristã<sup>6</sup>.

Ficaram famosos e foram muito respeitados na Rússia, nessa época, os “loucos por Jesus”: os simples de espírito que seguiam os monges ou quem por humildade imitava os monges e em seus gestos e palavras se descobriam sinais proféticos. Apesar do perigo certo de encobrir originalidades que nada têm a ver com a santidade, a tradição confirma que houve casos de autêntica e provada virtude entre os que seguiram este caminho espiritual.

---

5. *Relatos de um peregrino russo*. 13ª edição Ed. Paulus. Obra anônima e popular da metade do século XIX que relata a experiência espiritual de um peregrino que vaga pelas florestas e estepes da Sibéria, levando consigo apenas uma Bíblia e um exemplar da Filocalia.

6. SOPnumero 272 - article: TURIN, un colloque sur le monastère d’Optino et la paternité spirituelle. Disponível em <<http://www.orthodoxpress.com/index.php?action=article&group=display&numero=272&page=8>> Acessado em 09 de fevereiro de 2014.

[...] orantes pouco conhecidos ou desconhecidos, religiosos e religiosas, padres seculares, peregrinos e “inocentes” caminhando de santuário em santuário nas estradas da Rússia, enfim simples leigos que escondiam o tesouro da prece mística sob a aparência de uma vida banal. (BERH-SIGEL, 2007, p.84)

Os textos da *Filocalia* estão dispostos em ordem cronológica de escritos monásticos originais. Com o predomínio do pensamento de EvágrioPôntico (345-399); a síntese conclusiva da grande época patrística em Máximo, o Confessor (580-662); o movimento carismático do ano mil ao século XII, quando um autor pouco conhecido, Pedro Damasceno (675-749) foi muito importante (ele soube unir indicações concretas e profundas espirituais); síntese do século XIV — um quarto da obra — século onde predominou a teologia experimental de Gregório Palamas (1296-1359); e enfim para terminar, sete breves tratados mais recentes escritos em língua popular. (C.f CLÉMENT, 2004 pp.7-8).

Essa obra foi dedicada aos monges e aos leigos também. Todos são chamados a se unificar interiormente, unindo-se a Deus e ao Cristo com todos os homens, segundo a prece sacerdotal citada por Nicodemos: *que todos sejam um como nós somos um*, (Jo. 17,22)

## Filocalia

Em virtude de os termos usados serem pouco conhecidos no Ocidente, visto que pertencem à tradição da Igreja do Oriente, faz-se necessário uma breve explicação do vocabulário a ser usado.

A começar pelo título: *Filocalia dos Padres Népticos: a escola mística da prece interior* ou como alguns autores traduzem: *Filocalia dos santos népticos*. (LIBERA, 2004, p.52)

Filocalia: significa “amor à beleza”, porém trata-se da beleza divino-humana a qual Dionísio o Areopagita diz que “suscita toda uma comunhão”. Mas, prosaicamente, no entanto à época quando essa obra foi editada, essa palavra também significava antologia, florilégio (Cf.

CLÉMENT, 2004 p.7). Nas palavras de Jacques Touraille:

A filocalia é bem mais que um documento de uma época. O termo na antiguidade grega significava o “amor à beleza estética, cósmica, ou moral” na essência o inverso silencioso da filosofia e, de fato, o lugar da arte. A revelação evangélica, em seu sentido de Deus amor, Deus luz, Deus Uno, Deus Trindade ou o Deus vivo, Criador e Salvador, Pai eterno anterior ao mundo, Filho eterno encarnado na criação, Espírito eterno [...] do criado, leva à implosão essa primeira filocalia grega e faz do amor à beleza a lembrança da origem primordial e traz uma esperança para o fim: ‘a arte das artes e a ciência das ciências’, dizem os monges. Pois a Beleza não se limita nem ao cosmo, nem ao corpo humano dos deuses cósmicos, nem às obras de arte. Ela não se deixa definir por ornamentos. Ela é o Deus vivo em pessoa e é n’Ele e por Ele o que o Novo Testamento a chama de luz do Cordeiro e os monges bizantinos: o phôsaktiston, a luz incriada, justamente o Deus luz, ao final como o centro do curso temporal e espacial da luz criada. A filocalia, o amor à beleza, se tornou o amor do Cristo nos dois sentidos, e na raiz profunda de seu sentido: o amor louco que o Filho de Deus, pelo Espírito de verdade, traz ao homem criado à sua imagem, e o mesmo amor louco que o homem, em retorno, pelos suspiros inefáveis do mesmo Espírito, leva ao Filho do Homem que foi criado de seu coração à semelhança de Deus. (TOURAILLE, 2004 p. 838)

O que emerge de novo com esse tratado, *Filocalia*, é a tradição hesicasta: paz, silêncio e união com Deus, que é a essência da espiritualidade monástica original, que jamais foi interrompida no Oriente. O hesicasmo<sup>7</sup> não foi uma criação medieval. Gregório de Nissa (330-395) já explicava que se podia “no repouso (*hesykhia*) consagrar-se à contemplação das coisas invisíveis e contemplar uma luz inexprimível”. A particularidade dos hesicastas era considerar que o recolhimento interior (chamado também de *nepsis*<sup>8</sup>, “jejum” donde o título *Filocalia dos santos népticos*, permitia ao orante ver a luz incriada de Deus. Essa experiên-

7. Hesicasmo: essa palavra vem do grego *hesykhia* que significa repouso, quietude, tranquilidade. Desde o século IV, esse termo é utilizado na literatura cristã para qualificar o modo de vida escolhido pelos eremitas: os hesicastas.

8. Nepsis: sobriedade, sabedoria espiritual.

cia descrita por Simeão, Novo Teólogo (949-1022), como uma “visão da Glória divina”, não como a contemplação, por natureza impossível de sua essência, era interpretada como uma deificação<sup>9</sup>. (LIBERA, 2004, p.52)

## A Práxis

O caminho do asceta começa no conhecimento das paixões de sua alma. São as paixões da alma que devem ser primeiramente observadas e é contra elas que o monge deve lutar. A ascese para o monge é um combate. A prática ascética visa transformar a energia vital desviada e bloqueada pelas paixões idólatras. Da práxis nascem as virtudes onde o amor será a síntese. (CLÉMENT, 2008, p.156).

Foi EvágrioPôntico (345-399) quem sistematizou a experiência da vida monástica em duas etapas: 1) a vida prática (práxis), a luta contra as paixões que impedem o homem de amar; 2) a vida gnóstica que se subdivide em: a) a contemplação da natureza, ou seja, o conhecimento da essência das coisas e b) o conhecimento de Deus, que designa a experiência mística. O homem “experimenta” Deus. (CLÉMENT, 2008, pp. 403-404).

O caminho que o monge deve percorrer passa então por três fases: a práxis; a contemplação da natureza, ou seja, o pressentimento de Deus através dos seres e das coisas e a última, união direta e pessoal com Deus. Porém, só a primeira fase, a práxis, também conhecida como exercício do combate, interessa para esse trabalho: o combate espiritual, mais duro que a batalha entre os homens. A vida no deserto é uma luta constante com os demônios, contra o mal e isso dá aos monges um trabalho árduo e constante. É esse recorte da visão dos Santos Padres que demonstra sua concepção do mal.

São as paixões que impedem o homem de viver uma vida autêntica, por isso na primeira etapa, a prática (*práxis*) ação do monge sobre si

---

9. Deificação: em grego *théosis* processo pelo qual o homem “crê em Deus de glória em glória” até a União com Deus em Suas Energias. Uma visão da Glória Divina.



mesmo, tem por fim libertar o homem das paixões e torná-lo capaz de amar. Essa luta, diferente da teologia moralizante da modernidade que parte de cima, faz o ser humano descer à sua condição terrena, é a espiritualidade que se aprende a partir da base, a partir do conhecimento do seu mais íntimo ser.

A práxis para os monges não é uma ação em destaque. Ela é uma ação no vazio. Antes de tudo é uma oferenda. O monge deixa toda a sua autossuficiência e se oferece a Deus com o coração partido por ter consciência de seu desvio e maldade, consciência da perdição e do desastre e finalmente por não ser nada além de mártir dessa consciência. Enfim, a práxis consiste na luta que o monge empreende para se libertar dos aspectos negativos da condição humana, as paixões, para poder, no lugar delas viver as virtudes no Espírito Santo, libertando-se de sua natureza caída e tomando posse de sua verdadeira pertença. Evágrio Pôntico em seu *Tratado prático* escreve: “A práxis é um método espiritual que purifica a parte *passionnée* da alma.” (CLÉMENT, 2008, p. 160)

## A morte

As paixões no sentido ascético são bloqueios, usurpações, desvios destrutivos de um desejo fundamental do homem: o desejo de não morrer, a negação da morte. Para Filocalia, a paixão fundamental é a morte, ou como o homem se vê diante dela. Imagem de Deus, o homem deseja a eternidade, mas paradoxalmente ele padece da morte inexorável. Os monges devem viver na consciência de sua morte, isso os torna interiormente mais vivos e mais presentes. O pensar na morte tira-lhes o medo e a dependência do mundo, da vida e da saúde. Possibilita a eles viver e experimentar conscientemente cada momento como dádiva da vida e saboreá-la dia a dia.

A angústia velada da morte, sua rejeição e fascínio, constituem a paixão primeira de todas as outras paixões, que somente aumentam o temor e a negação da morte. Para o homem é mais confortável esquecer

essa realidade: ou pela divinização ilusória, no exercício da dominação, ou pelo ódio. Ele necessita de escravos (ou de ser um) e de inimigos e até mesmo porque muitas vezes odeia a si mesmo. Seja por esquecimento ou por ignorância, o homem é tomado pela tristeza pela morte e por isso, se refugia nas paixões.

São muitas as paixões, mas para os monges, os pecadores, até os mais trágicos podem ser inundados pela graça. A paixão é marcada com o selo do infinito, isto é, ela exprime o desejo de infinito da alma humana. Segundo Simon Frank, em Dostoievski, o mal sempre tem uma origem espiritual... A revolta, o orgulho, o sarcasmo, a crueldade, o ódio, a sensualidade [...] provém, para ele da tendência que a alma tem de se vingar de sua profunda santidade desprezada e humilhada que afirma seus direitos de uma forma louca e perversa. (CLÉMENT, 2004, pp.12-13)

Qualquer que seja, portanto, o objeto da paixão não pode corresponder a esse desejo de santidade secreto. Ele permanece contingente: absolutizar é ignorá-lo na sua humilde verdade e finalmente destruí-lo: “Eu a amava tanto que a assassinei” diz um amante assassino. (CLÉMENT, 2004, p. 13)

Ávido pelo infinito e ignorante do infinito, o homem se ama e se odeia infinitamente, ele quer ser soberano e se descobre escravo. Busca o infinito e encontra o vazio e o nada. A paixão parece exaltá-lo, ela se abre e se estende como uma doença enganosa e, quando cai por terra só fica a amargura, a decepção. É um estranho inflar do “nada”, dizem os ascetas. Como uma sede jamais saciada, as paixões lançam o homem em ciclos de paroxismos e de depressão, de prazer e de dor, de tensão e desencantamento. Perverte a inteligência e os sentidos que não querem conhecer o que lhes corresponde. É como uma droga, e a inteligência diante dela oscila entre uma revolta (cada vez menor) e uma justificação irracional e irascível (cada vez maior).

A inteligência então se dispersa, a relação entre os homens se desintegra. O espírito se dissocia do coração, e o coração profundo se

envolve de trevas e de pó, um pó que endurece e torna o coração de pedra. Um esquecimento, como uma amnésia metafísica reina e como diz Marco o Asceta (séc. V), na carta a Nicolau, “o homem se torna insensível, ele não sabe mais amar, nem admirar, ele só vê a sua volta desejo eviolência”. Para Máximo o Confessor a “humanidade se dividiu em inumeráveis fragmentos e nós que somos constituídos de uma única natureza nos devoramos uns aos outros como serpentes furiosas”. (C.f. CLÉMENT, 2004, p. 12-13)

A clareza da memória da morte é verdadeiramente comum a muitas virtudes. Ela engendra a resignação à perda. Ela incita à temperança em todas as coisas. Ela faz lembrar o geena. É a mãe da oração e das lágrimas. Ela é a guarda do coração. Ela nos torna indiferentes às coisas terrenas. É uma fonte de perspicácia e de discernimento. Seus filhos são o temor a Deus e a purificação que enleva do coração os pensamentos passionais pelos numerosos ensinamentos do Mestre. Pela memória da morte se torna possível ver o duro combate que se precisa vencer em tempo oportuno, e que é a preocupação da maioria daqueles que lutam pelo Cristo<sup>10</sup>.

O monge, uma vez engajado na via de um “amor louco” por Deus recebe à princípio “a memória da morte” no forte sentido de uma anamnese que estremece o seu ser. Além de descobrir que vai morrer, vê que já está na morte. Vive a condição de prisioneiro encarcerado, mas se quiser, a “memória da morte” se transforma na “memória de Deus” em anamnese de encantamento pelo Cristo que na ressurreição venceu a morte. (CLÉMENT, 2007, p.25)

## As Paixões

A *Filocalia* enumera uma lista clássica de oito paixões, desde as origens do monaquismo: a ganância (que também engloba a gula), a luxúria, a avareza, a cólera (que engloba também o ódio e a inveja), a tristeza

---

10. Pére PHILOTHÉE leSinaïte. Quarente Chapitres neptiques Ch.38.In: *Philocalie des pères neptiques*. Tome A 3.p. 649.

(pela morte), a preguiça ou acídia (como um torpor ou letargia espiritual), a vanglória e o orgulho.

Evágrio inicia os *Capítulos sobre o discernimento das paixões e pensamentos*, indicando que Jesus Cristo sofreu as tentações de satanás, mas mostrou como ter autoridade sobre elas.

Entre os demônios que se opõem à prática os primeiros a fazerem guerra são os que se dedicam aos prazeres da gula, os que insinuem em nós a avareza e os que estimulam a buscar a glória que vem dos homens. Todos os outros vêm depois destes e acolhem aqueles que foram por eles feridos. De fato, não é possível cair nas mãos do espírito da luxúria se ainda não caiu por causa da gula. E não há quem seja perturbado pela ira se não está lutando por causa de alimentos, riquezas ou desejos irracionais de glória. Não pode fugir do demônio da tristeza quem foi privado de todos estes bens ou quem não pôde obtê-los. Nem poderá fugir da soberba, a primeira gerada pelo diabo, quem antes não tiver arrancado a raiz de todos os males que é o amor ao dinheiro, se é verdade, como diz Salomão, que a pobreza faz o homem ser humilde. Em resumo, não é possível que o homem se envolva com um demônio se antes não foi ferido por aqueles três males principais. Por isto, estes três pensamentos que o diabo colocou diante do Salvador: primeiro pedindo que transformasse as pedras em pães; depois lhe prometendo todo o mundo se prostrasse em adoração; e em terceiro lugar dizendo que, se o tivesse obedecido, teria sido glorificado se, caindo do pináculo do templo, não tivesse sofrido mal algum dessa queda. Nosso Senhor, mostrando-se superior a tudo isto, mandou ao diabo que se retirasse e assim ensinou que não é possível repelir o diabo sem antes ter desprezado estes três pensamentos<sup>11</sup>.

Entre as paixões, duas parecem ser as mães fecundas: a ganância que se estabelece no domínio do corpo e o orgulho no domínio do espírito. Dessa forma há dois circuitos que finalmente se identificam. A ganância (que é gula também) é irmã da luxúria que pode ser considerada a “ganância do corpo”, as duas juntas (ganância e luxúria) vão dar

---

11. ÉVAGRE MOINE. *Chapitres sur le discernement des passions et des pensées. In Philocalie des pèresneptiques*. Tome A 1: D'Antoine Le Grand à Marc L'Ascete. p.84

na avareza: em um primeiro plano seria a busca de uma satisfação mais profunda na substituição do ser pelo ter. Dessa forma vem: a tristeza, (pois o ter é sempre uma decepção), a inveja, a cólera, a violência contra o próximo, por exemplo, quando alguém diante de mim consegue um bem que eu ambiciono.

Qual o objetivo dos demônios, quando excitam em nós a gula, a impudícia, a cobiça, a ira, o rancor e as outras paixões? Querem que a nossa inteligência, estupidificada por elas, não possa orar convenientemente; pois, as paixões da parte irracional, vencedoras, impedem-na de mover-se de acordo com a razão (de acordo com as razões dos seres como objeto de contemplação) para atingir a Razão (o Logos: o Verbo de Deus)<sup>12</sup>.

O orgulho é a centralidade fechada e possessiva, suscita a vanglória, a exibição de riquezas, seduções, provoca a cólera e o sofrimento quando não obtém a admiração incondicional dos outros. Na realidade, a ganância e o orgulho exprimem o mesmo aprisionamento fundamental, quando é o mundo que se inclina diante do ego. É a *philautia* (egocentrismo), da qual fala Máximo, o Confessor (580-662) para dizer que o homem tende a se tornar o seu próprio ídolo.

A palavra *philautia* (*philia*+*autós*) designa o amor que uma pessoa tem por si mesma, o amor-próprio. Porém, os Pais do deserto referem-se à paixão filúcia, ou seja, o egoísmo. Para Máximo o Confessor foi pela filúcia doentia que afetou Adão e Eva. O homem volta as costas a Deus e mergulha na matéria para buscar a felicidade sem Deus.

Quem rejeita o egoísmo, a complacência por si mesmo, a mãe de todas as paixões, com a ajuda de Deus, se liberta facilmente das outras paixões como a cólera, a tristeza, o ressentimento, etc. Mas, aquele que está cativo da primeira das paixões, está marcado pela segunda, mesmo que ele não queira. O egoísmo é a paixão que se tem pelo corpo<sup>13</sup>.

12. ÉVAGRE MOINE. Chapitres sur la prière. Ch.50 In: *Philocalie des pères neptiques*. Tome A1.p. 103

13. MAXIME Le Confesseur. Centurie II sur l'amour. In *Philocalie des Pères Neptiques*. Tome A3.p. 384.

Segundo Olivier Clément (CLÉMENT, 2008, p.158), os Pais do deserto retomaram de forma profunda a concepção platônica e aristotélica das faculdades da alma. Eles fizeram a distinção do *nous* (o espírito, a inteligência); o *thumos*— que é a coragem, a expansão do ser e pode se tornar agressividade e cólera; a *epithumia*, desejo que pode se tornar ambição. O *nous* pode se identificar ao que Marcos, o Asceta designa de “altar do coração”, essa relação com Deus que nada pode destruir no homem, mesmo que ele a ignore ou rejeite. Mas a luz do *nous* pode se recusar a ser transparente e é desse detalhe da alma que nasce o orgulho luciférico.

Pode-se buscar, não sem uma aproximação, uma correspondência na psicologia do século XX. Poder-se-ia sugerir que o domínio do *nous* é aquele que foi explorado por Vitor Frankl e pelos “psicanalistas da existência” para os quais o inconsciente esconde uma dimensão espiritual que designa Deus. O domínio do *thumos* seria o que Adler coloca ao centro da vida inconsciente a aspiração a se afirmar, se fazer valer. A *epithumia*, enfim nos faz pensar na libido freudiana.

Ainda nesse pensamento, as duas paixões-mães a que nos referimos anteriormente, há uma que concerne às faculdades irracionais (*thumos* e *epithumia*), ou seja, a gula e a luxúria e a outra, que concerne ao *nous*, o orgulho. A ganância e o orgulho confluem em uma espécie de prisão metafísica que recobre a volta do ego todo o espaço do ser. Os Pais do deserto falam aqui da *philautia*, a filáucia o egocentrismo ou egoísmo que extirpa o mundo de Deus para se apropriar dele e coisificar o próximo. Não há Deus, nem o próximo, somente o eu absoluto.

Muitos autores da Filocalia analisaram com cuidado o nascimento, o desenvolvimento e o enraizamento de uma paixão. O ataque ou sugestão designa a aparição na consciência de uma obsessão no estado germinativo. A cumplicidade mostra a inteligência que a princípio se diverte, mas depois se agarra e começa a justificar a paixão que nasce. Na fase da adesão vem a vontade de consentir. Daí vem a realização e o hábito,

o gosto e o desgosto, o inflar e a tristeza. (Cf. CLÉMENT, 2004 p. 14).

## Considerações finais

Segundo as Escrituras, o homem é imagem de Deus, no entanto, é feito da matéria desse mundo e condicionado pela contingência existencial. O Deus do qual ele é imagem, seria um déspota distante que poderia ser o responsável por todo mal pelo qual o homem é assaltado?

Para os Pais do deserto o mal é a consequência imediata da queda adâmica. O homem nasce com o selo do pecado original. Dessa forma vive um combate constante contra o inimigo que permeia a sua vida passo a passo: as paixões que assolam a vida humana.

EvágrioPôntico<sup>14</sup> em *O tratado prático* discorre sobre os oito espíritos malvados que investem contra o ser humano: a gula, a luxúria, a avareza, a ira, a tristeza, a acídia, a vanglória e a soberba. Os Pais do deserto em seus escritos mostram que pela práxis, pela contemplação e pelo conhecimento de Deus, o homem encontra a sua verdadeira liberdade e pode viver uma vida autêntica. Não é uma receita, mas uma prática, um combate constante e incessante.

O mundo e a história só podem encontrar sua plenitude em Jesus de Nazaré, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós. É um reconciliar de corpo e espírito, onde a Transfiguração de Jesus no Monte Tabor (Mt 17, 1-8) tornou possível a antecipação da vida em Deus na condição humana.

A ascese pode levar o monge à experiência da iluminação, ou a taborização, quando ele se ilumina pela luz do rosto de Deus. Em *O Diálogo com Motovilov* (SAROV, 2004), Nicolau Motovilov, curado pelo *staretz* Serafim de uma paralisia, conta como viveu essa experiência de taborização, no momento em que presenciou a iluminação de Serafim

---

14. Disponível em <http://multimedios.org/docs/d000170/>. Acessado em 03 de fevereiro de 2014.

um monge que seguia a Regra de São Pacômio, o Magno, própria dos Pais do deserto, na floresta de Sarov.

Por esse curto, porém substancial relato, *Diálogo com Motovilov*, pode-se entender o que buscaram e o que vivenciaram esses Pais do deserto: a manifestação do Inefável, quando as palavras não bastam para exprimir a sua beleza, nem há o que se compare à delícia do calor<sup>15</sup>, do aroma e da alegria sem parâmetro que eles estavam sentindo.

A vida na práxis, na contemplação e da união com Deus torna o homem livre das amarras das paixões que bloqueiam e desagregam o ser humano. Iluminado pelo dinamismo da ressurreição que suscita as virtudes, unifica e exalta o homem no mistério de Cristo, crucificado e ressuscitado.

A natureza caída de humano-bestial passa a ser humano-divina. As virtudes<sup>16</sup>: fé, temor a Deus, temperança, paciência e doçura, esperança — culminam com a *apatheia*<sup>17</sup>, a impassibilidade, que não deve remeter à apatia nem à insensibilidade, mas à plenitude da paz do coração, capacidade de conhecer e de amar com toda a nossa força da paixão transfigurada pelo “amor louco” de Deus pelo homem. É na *apatheia* que culminam todas as virtudes. Ela torna o homem semelhante a Deus, pois ele está livre para amar, da mesma maneira “louca” como Deus ama a sua criação.

A Filocalia é um caminho de liberdade, uma mistagogia<sup>18</sup>. A ascese não pode ser confundida com masoquismo, nem com mortificação. Ela livra o homem das ilusões e permite que ele tenha uma visão transfigurada do universo. Antes, ela é uma via de transformação que demanda a

15. Segundo o autor, São Serafim de Sarov o fato ocorreu em novembro de 1831, época do ano que faz muito frio na Rússia e quando, segundo o relato, nevava muito.

16. Virtude, *virtus* em latim pode designar tanto a força viril como a participação na energia divina, à maneira de ser de Deus assim como foi revelado pelo Cristo. [...] *como tu, Pai estás em mim e eu em ti*. Jo, 17,21.

17. A *apatheia* é a impassibilidade que, na doutrina de Evágrio Pôntico, ocupa um lugar essencial na vida dos monges.

18. Do grego *mystagogên*, significa orientar nos mistérios, gênero literário comum no cristianismo primitivo. Atualmente a expressão pode significar catequese.



vontade do homem, mas acontece e só se realiza pela Graça.

A ascese deve tornar o monge desarmado, pobre e impotente, mas essa fraqueza aparente o liberta do domínio dos próprios desejos egoístas. Ele sai do combate fortalecido pelo Espírito de Deus e pode falar de coração: *Seja feita a Tua vontade*. Aquele que não se despoja da própria grandeza, não conseguirá se abrir para a verdadeira grandeza, aquele que não renuncia à própria liberdade, não terá parte na verdadeira liberdade que é a soberana de uma *única* vontade.

O mais profundo segredo dos santos é esse: não busqueis a liberdade, e a liberdade vos será dada. (COLLIANDER, 1973, p.19)

## Referências bibliográficas

A BIBLIA de Jerusalém. 9ª ed: Paulinas, 1993

CLÉMENT, Olivier; BOBRINNKOY, Pére Boris; BEHR-SIGEL, Élisabeth; LOT-BORODINE, Myrrha. La douloureuse joie: aperçus sur la prière personnelle del’Orient chrétien. Bégroulles en Mauges (Maine-&-Loire): Abbaye de Bellefontaine, 2007.

CLÉMENT, Olivier. Introduction à la spiritualité philocalique. In: Philocalie des pères neptiques: à l’école mystique de la prière intérieure. Tome A 1. Bégroulles en Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2004. p 7-33.

------. Sources: les mystiques chrétiens des origines, textes et commentaires. Paris : Desclée de Brouwer, 2008.

COLLIANDER, Tito. Le chemin des ascètes : initiation à la vie spirituelle. Spiritualité orientale, no. 12. Bégroulles-en-Mauges (Maine-et-Loire): Abbaye de Bellefontaine, 1973.

LIBERA, Alain de. A filosofia medieval. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NOUWEN, Henri. A oração do coração. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/espiritualidade/a\\_oracao\\_do\\_coracao.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/espiritualidade/a_oracao_do_coracao.html)>. Acessado em 15 de janeiro de 2014.

PHILOCALIE des Pères Neptiques: À l’école mystique de la prière intérieure. Traduction du grecque réalisée sous la responsabilité de Père Boris Bobrinskoy. Bégroulles en Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2004. (7 V.)

PONTICO, Evagrio. Los ochosespiritus malvados. Disponível em <http://multimedios.org/docs/d000170/>. Acessado em 03 de fevereiro de 2014.

RELATOS de um peregrino russo. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SAROV, Serafim de. Diálogo com Motovilov. (Trad. do francês, notas e introdução Frei José Luís Monteiro) São Paulo: Paulinas, 2004.

TOURAILLE, Jacques. Postface. In: Philocalie des pères neptiques: à l'école mystique de la prière intérieure. Tome B 4. Bégrolles en Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2004. p 837-851.

## Anexo

